

SUSTENTAR O INSUSTENTÁVEL

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

*“Aquilo que não é consequência de
uma escolha não pode ser considerado
nem mérito nem fracasso”*

Milan Kundera, A Insustentável Leveza do Ser

Pelas nossas projeções, na safra 2015/16 do Centro-Sul brasileiro já foram moídas cerca de 40% das canas possíveis de serem industrializadas. Na prática, o grande volume de chuvas vem criando dificuldades para a safra 2015/16, apesar do fato que melhora a produtividade agrícola. Moendo menos que a safra 2014/15 até 15/07/2015, com mix bem mais alcooleiro (menos 3,7 kg de ATR por tonelada de cana moída que a safra anterior). São Paulo, no entanto, moeu 14% a menos que a safra 2014/15 e os outros estados do Centro/Sul, mais 7,8%.

Ou seja: a safra está, aos olhos dos paulistas, atrasada; para os produtores dos outros estados, adiantada! Assim sendo, o mês de dezembro/15 será valioso para a moagem de São Paulo, o que é um risco face potenciais chuvas.

Para mais água sendo carregada do campo à fábrica, ou custos mais altos, vê-se, em São Paulo, um bonito jardim de flores na maior parte das suas regiões produtoras de cana. Isso preocupa muito quando se imagina que virá uma primavera “normal”, com temperatura elevada e umidade, derrubando o ATR. E tome mais água e “isopor” indo para as fábricas no terço final da safra 2015/16.

Apesar de negativo, isso é conjuntural. O risco de se produzir cana neste ambiente tropical volátil do Centro-Oeste e do Sudeste do Brasil acontece a cada safra.

Apesar do curto prazo candente, vale falar sobre os aspectos essenciais da questão estrutural para o setor:

Como primeiro ponto, vale salientar que sob a luz da procura pela descarbonização dos combustíveis, definida com metas para meados e final do século XXI, os países ricos em 2015 resolveram posicionar-se por um esforço bem maior em favor das energias renováveis que terá peso na reunião da COP 21, que ocorrerá em Paris. Afinal, tratou-se de uma confissão e de uma resposta ao senso de urgência requerido pelo IPCC – Painel Internacional de Mudanças Climáticas e, agora, também pelo Vaticano e sua encíclica sobre o meio ambiente.

Outro aspecto relevante foi a posição do Presidente da Petrobrás no Ethanol Summit de julho de 2015: *“não queremos a Petrobrás em posição excessiva de importação de gasolina. E o etanol é fundamental para que a gente reduza cada vez mais a dependência do Refino”*. Essas palavras se referem a dois fatores de constrangimento geral sobre combustíveis do Ciclo Otto no Brasil:

- a) A oferta de etanol segue bem abaixo da sua demanda. Uma expansão da sua oferta depende de políticas públicas transparentes e de longo prazo, que estimulem a produção via retorno dos investimentos, pela maior credibilidade auferida.
- b) A oferta de gasolina doméstica estará estagnada nos próximos 10 anos.

Em terceiro lugar, a fundamental importância de se reduzir a poluição, nas grandes cidades, face seus efeitos sobre a saúde pública, caracterizados pelos estudos apresentados pela USP, Departamento de Patologia. Para isso, a redução no uso da gasolina é ponto chave.

Em quarto lugar, como consequência da insensatez da política pública ao etanol nos últimos 5 anos, deve-se salientar o grau de endividamento das empresas setoriais apresentado por técnico do ItaúBBA no mesmo Ethanol Summit mostrando que os resultados operacionais não pagam sequer os custos financeiros. Essa realidade traz um tom de muitas dificuldades no curto prazo mas, também, previsão não otimista para médio e longo prazos.

Resultados do Setor Sucroalcooleiro⁽¹⁾, no Centro-Sul – 2014/15	
Resultado Operacional	6,9%
Custo Médio do Capital	12,0%
⁽¹⁾ Sem Custo de Capital	

Em quinto lugar, a velocidade de se fazer o maior uso integral da biomassa cana-de-açúcar, para co-geração de energia elétrica, depende das condições dos leilões públicos de eletricidade.

Essas questões se somam aos graves problemas macroeconômicos atuais no país. O que aconteceu com o Brasil que vinha tão bem pós Plano Real?

O Brasil caminhava, desde 1993, na via principal, atendendo os semáforos e os seus sinais, até o 1º governo Dilma. A opção pela busca de atalhos, com um GPS defeituoso, trouxe entre outros, o amargor de uma política energética absolutamente desconectada do êxito anterior: passaram a ser passos de caranguejo! Andando para trás em maré subindo (inflação e déficit fiscal), a pressão se tornou insuportável.

A realidade atual é a de um pesadelo, daqueles que se acorda lembrando-se dele. O agronegócio canavieiro mostrou em todas as crises anteriores, uma maior capacidade de resistência que outros setores neste país. Sua resiliência se dá face sua capacidade competitiva, que vem tropeçando; pela sua importância econômico-social-ambiental que vem sufocada pelo atalho da errática política econômica e energética adotada e pelos enormes subsídios dados pelos países asiáticos aos seus produtores de açúcar.

Um verdadeiro ciclo vicioso se estabeleceu: a falta de políticas públicas leva à falta de investimentos, gerando o negativo impacto de baixa produtividade e, como consequência, menor crescimento. Isso tudo aconteceu e segue ocorrendo, com forte demanda de combustíveis e expectativas ainda maiores, não atendidas pela oferta, face o ciclo citado. Trata-se de um enorme fracasso de atuação pública! Com a atitude de sempre não aceitar um fracasso, perde-se, segundo Henry Ford, a oportunidade de começar de novo, de forma mais inteligente.

Com todas as provas mostradas e o consenso da absurda política realizada pelo governo ao setor produtivo do etanol, ele ainda não mostrou

posição, somente ambiguidades. E isso vai, ano a ano, criando a figura do “não retorno”!

Entre os cientistas e os inovadores sabe-se que na agroenergia os desenvolvimentos gerados tem sido passo a passo implementados, quando o Estado tem muito claro esse tema como prioritário. Sobre isso não há dúvidas e há exemplos em vários países via mandatos e regulações estimuladoras baseadas em leis.

Quando se olha para trás e se vê que desde a década de 1930 já se utilizava o etanol em motores, parece incrível que o Brasil esteja perdendo, ano-a-ano, seu protagonismo nesse setor.

Segundo a ANP – Agência Nacional de Petróleo, para 2024 deverá o Brasil apresentar um déficit de combustíveis para motores do Ciclo Otto entre um mínimo de 188 mil barris por dia e um máximo de 585 mil barris por dia de gasolina equivalente. A diferença está no ritmo de crescimento do país, da oferta de etanol doméstico e do seu consumo de combustíveis (afinal não haverá expansão da oferta doméstica de gasolina). Nessa linha, conclui a Diretoria Geral da ANP no evento Ethanol Summit de 2015 que *“o etanol pode ser uma boa opção”*.

A diferença entre deve e pode é crucial. E ela desenha dois mundos absolutamente distantes para a atração de investimentos pelo setor produtivo ou para o posicionamento do Brasil em relação ao aquecimento global. Afinal, nos últimos 5 anos, mesmo tendo o etanol como alternativa energética o país optou por subsidiar a gasolina e reduzir a sua carga tributária.

Passo a passo perde-se o peso, que, como assinala Kundera, não é o drama! O drama é o de não suportar a leveza, insustentável, do que fica.